

A RELEVÂNCIA DO CONHECIMENTO TÁCITO PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL

Paulo Henrique Giungi Galvão

Mestrando no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Sustentabilidade

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Docente na Universidade Paulista e no Centro Universitário de Jaguariúna.

contato@paulogalvao.com

Cândido Ferreira da Silva Filho

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Centro de Economia e Administração

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Sustentabilidade

candidofilho@puc-campinas.edu.br

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de desenvolver reflexão crítica sobre a relevância do conhecimento tácito para o desenvolvimento local. O conhecimento gerado a partir da comunidade pode contribuir para o aprimoramento das políticas públicas, melhores práticas para a gestão dos negócios e identificação de oportunidades, numa relação de confiança entre os atores e agentes envolvidos, possibilitando um desenvolvimento mais sustentável. Para alcançar tal objetivo o artigo realizou promovendo o ambiente organizacional sustentável. Para alcançar este objetivo realizamos pesquisa bibliográfica com o propósito de verificar se a literatura aponta o conhecimento tácito como relevante para o desenvolvimento local sustentável. Os resultados indicam que o conhecimento tácito é fundamental para o processo comunitário de tomadas de decisões. Além disso, o conhecimento tácito leva a maior compromisso entre os envolvidos na cooperação no desenvolvimento de novos projetos e produtos, serviços ou melhoria de processos, resultando de um maior número de inovações e, tendo como o principal ator e beneficiário a comunidade local.

Palavras-chave: Conhecimento tácito. Desenvolvimento sustentável. Desenvolvimento local.

1. INTRODUÇÃO

Desenvolvimento sustentável não se reduz ao aspecto ambiental. Diz respeito também, a vida digna, trabalho decente, redução da pobreza e da desigualdade social e, também, a preservação dos recursos naturais. Então, no âmbito do desenvolvimento sustentável, temos o compromisso de todos os agentes envolvidos, sendo governo, empresas, cidadãos, com a preservação do planeta e a construção de um mundo mais justo e solidário.



II *Sustentare* – Seminário de Sustentabilidade da PUC-Campinas
V WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade
17 a 19 de novembro de 2020

Decorre daí, a preocupação com estratégias para alcançar um mundo mais sustentável considerando a cultura, política, os ecossistemas e a preservação da biodiversidade, de uma determinada região. As transformações com o propósito de alcançar a sustentabilidade acontecem, necessariamente, no âmbito local. Assim, a dimensão local assume uma posição de relevância nas políticas para se construir um mundo mais sustentável.

Nesse sentido, no local persiste maior proximidade entre os membros da comunidade, facilitando o compartilhamento de histórias e informações, isto é, a partir do conhecimento tácito temos a construção do conhecimento, sempre com a participação da comunidade, e por meio da cooperação, se promove o consenso sobre os melhores caminhos para o desenvolvimento da comunidade e de um mundo mais sustentável.

Diante deste cenário, a escolha do objeto de estudo foi o conhecimento tácito aplicado ao desenvolvimento local. A hipótese levantada é que o conhecimento tácito possibilita à comunidade escolher os melhores caminhos para se alcançar a sustentabilidade nas suas dimensões social, ambiental e econômica.

A relevância do artigo decorre das transformações nos paradigmas de desenvolvimento a partir da crise do estado e do modelo fordista de produção. Em nossos dias, as comunidades não podem depender dos grandes projetos públicos e/ou privados e precisam, a partir de projetos gestados conjuntamente, encontrar caminhos para o seu desenvolvimento. Especificamente, a comunidade desempenha papel central no desenvolvimento local, decorrendo daí, a relevância do compartilhamento e difusão do conhecimento.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A sustentabilidade é debatida em vários âmbitos e cenários acadêmicos, governamentais e setores importantes para o desenvolvimento do país ou regiões. No olhar de Boff (2016) o desenvolvimento necessita de uma economia sustentável que combata a desigualdade social e que discuta a necessidade da preservação do meio ambiente, utilização dos recursos naturais e principalmente o clamor da vida humana.

Abramovay (2012, p. 13) complementa que a “redução das desigualdades é mais que um desejo, é um caminho desejável” e, para enfrentar esse duplo desafio é necessário uma economia responsável e sustentável.



II *Sustentare* – Seminário de Sustentabilidade da PUC-Campinas
V WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade
17 a 19 de novembro de 2020

Na ótica de Elkington (2001) a sustentabilidade precisa estar presentes nas três dimensões, sendo o econômico, social e ambiental chamado pelo próprio autor de “Triple Botton Line” e com isto, Veiga (1998, p.11) faz a ligação da sustentabilidade com o desenvolvimento sustentável: “um processo sistêmico mediante o qual uma economia consegue simultaneamente crescer, reduzir desigualdades sociais e preservar o meio ambiente”, evidenciando a preocupação com a economia e seus efeitos na sociedade e no meio ambiente. Em concordância, Leff (2006, p.111), afirma que:

a resolução dos problemas ambientais, assim como a possibilidade de incorporar condições ecológicas e bases de sustentabilidade aos processos econômicos – de internalizar as externalidades ambientais na racionalidade econômica e os mecanismos do mercado – e construir uma racionalidade ambiental e um estilo alternativo de desenvolvimento [...].

Para Veiga (2010, p. 40) a sustentabilidade exige “uma trinca de indicadores, pois ela só poderá ser bem avaliada se houver medidas simultâneas da dimensão ambiental, do desempenho econômico, e da qualidade de vida (ou bem-estar)”.

Entretanto, o desenvolvimento sustentável não é aplicável somente ao parâmetro nacional, mas precisa ter o papel de desenvolvimento regional ou local, entendendo as questões políticas, sociais, econômicas e culturais. Brenner *et al* (2010) argumenta que o objetivo principal de tais políticas de desenvolvimento local passou a se limitar à implantação de novas políticas regulatórias projetadas para mobilizar o espaço como uma arena para o crescimento econômico orientado para o mercado regional. Assim, Silva e Marques (2020, p. 354) mencionam que:

onde as políticas de desenvolvimento regional tradicionalmente têm como objetivo moderar o desenvolvimento desigual e promover a equidade espacial, as evidências indicam que o livre mercado tem produzido resultados "economicamente eficientes", no entanto, geograficamente desiguais.

Nesse sentido, Becker (1994, p. 10) entende que:

[...] relações dos homens entre si e as relações dos homens com a natureza [que] num determinado espaço dão forma e conteúdo ao processo de desenvolvimento. Assim, estruturam, a cada tempo histórico, uma determinada organização (social, econômica, política) possível e necessária para produzir as necessidades materiais e culturais.



II *Sustentare* – Seminário de Sustentabilidade da PUC-Campinas
V WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade
17 a 19 de novembro de 2020

Pensar para cada região como um espaço que abrange o potencial ambiental e social é pensar como as forças produtivas socioeconômicas se articulam em torno do ecossistema para boas práticas do desenvolvimento local tendo como bens da natureza e se tornando produtos a serviço da sociedade, alinhando a preservação dos recursos naturais e estabelecendo uma relação confiável de mercado sustentável. Silva e Marques (2020, p. 354) menciona que:

assim, onde as políticas de desenvolvimento regional tradicionalmente têm como objetivo moderar o desenvolvimento desigual e promover a equidade espacial, as evidências indicam que o livre mercado tem produzido resultados "economicamente eficientes", no entanto, geograficamente desiguais.

Portanto, ações e decisões tratam o desenvolvimento local com um “pensar global e agir local” identificando tendências e as suas variáveis da globalização, diagnosticando a potencialidade e desafios para uma atuação eficaz para a implementação de caráter socioeconômico preservando a cultura, ambiente social e os recursos naturais e por fim, o alinhamento dos agentes políticos e empresariais no âmbito regional. Para tal afirmação, Dallabrida e Agostini (2009, p. 17) afirmam que:

os estudos tratados desse ponto de vista seguem três fases: a primeira faz uma descrição do local; a segunda realiza a análise desta descrição, caracterizando o local e criticando o global; e a terceira propõe as correções para o desenvolvimento local, para sua melhor inserção no contexto mundial.

Entretanto, Becker (1998, p. 6) menciona que o desenvolvimento contemporâneo é tanto “pensar local e agir global”, mas tendo como mediador o agente político, como flexibilizador de ações regionais. Também Polany (1980) e Gramsci (1975) enfatizam a globalização e valorização do capital com relação ao movimento social, regional com referências a cultura e a natureza da comunidade.

Apesar destes dois movimentos parecerem contraditórios, tanto “pensar global e agir local” e “pensar local e agir global”, os autores Dallabrida e Agostini (2009) apresentam o emprego de ambos ao desenvolvimento específico de uma região com próprias teorias. Ainda Dallabrida e Agostini (2009, p. 18) menciona que:

assim, a proposição lógico-metodológica sugere que, além dessas duas tendências mundiais serem contraditórias, elas são complementares, em que há a ação do movimento econômico e, contrapondo a esta ação, existe uma reação, que é a regionalização. Para mediar essas duas forças contraditórias é que se apresentam os aspectos político-institucionais.



II *Sustentare* – Seminário de Sustentabilidade da PUC-Campinas
V WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade
17 a 19 de novembro de 2020

Então, para implementação destas teorias, o conhecimento ou informação torna-se uma dimensão importante para o desenvolvimento local, que é “somente posto em prática e se torna uma vantagem competitiva sustentável pelas habilidades dos agentes econômicos” (DALLABRIDA E AGOSTINI, 2009, p. 18).

Para Albagli e Maciel (2005), o conhecimento está associado ao conhecimento explícito ou codificado, que as características relacionam as pesquisas científicas associadas as expressões e afirmações matemáticas e articulados na linguagem formal e sistematizado. Tal conhecimento provém de conhecimentos científicos e técnicos.

Entretanto, o entendimento do território como resultado histórico, cultural, político e econômico com diversos atores que participam desta mesma região, proporcionam um processo de metamorfose do espaço, conforme Santos (1999), que evidencia a necessidade da influência ativa da comunidade ao desenvolvimento local. A abordagem local permite a contribuição centrada nas pessoas, que considera pontos de interação entre o sociocultural e ambiental completando a integração produtiva e a cooperação e responsabilidade ampla de diversos atores políticos e sociais. Pinto (2014, p. 172) complementa que:

a participação do indivíduo na vida política e social é de suma importância para o desenvolvimento local quando, no exercício de sua cidadania, é cobrado que as propostas e políticas públicas sejam efetivadas no sentido de assegurar à comunidade melhores condições de vida.

Neste sentido, percebe-se a diversidade de conhecimento territorial e a necessidade de propor estratégias específicas de redirecionamento de forças para reequilibrar o ambiente natural e social, com vista na promoção da qualidade de vida no âmbito de cada região. Albagli e Maciel (2004, p. 15) debate que:

no campo teórico-metodológico implica importantes desdobramentos na proposição de políticas, particularmente as de cunho territorial, ante o reconhecimento da centralidade da dimensão cognitiva dos processos e estratégias de desenvolvimento local/regional. Isso porque cada território é continente de conhecimento específico e estratégico, e a sua desestruturação tem por consequência também a “desconstrução” do conhecimento associado.

No que diz respeito ao conhecimento tácito, dentre as obras fundamentais temos Polanyi (1983), Hayek (1989), Nonaka e Takeuchi (1997) e Choo (2006). Neste sentido, Sugahara e Vergueiro (2012, p. 164) afirmam que:



II *Sustentare* – Seminário de Sustentabilidade da PUC-Campinas
V WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade
17 a 19 de novembro de 2020

na visão de Polanyi (1983) o conhecimento tácito é pessoal, intransferível e específico ao contexto, enquanto o conhecimento explícito é aquele que pode ser compartilhado por todos. Hayek (1989) esclarece que o conhecimento tácito está disperso na mente dos indivíduos e esses não têm plena consciência de todo seu conhecimento; por sua vez, o conhecimento explícito é definido pelo autor como exato e mensurável. Para Nonaka e Takeuchi (1997), o conhecimento tácito pode ser definido como sendo pessoal e de difícil formalização, transmissão e compartilhamento. Choo (2006), por seu lado, caracteriza o conhecimento tácito como sendo difícil de formalizar ou comunicar a outros, por ser constituído de know-how subjetivo, enquanto o conhecimento explícito é conceituado como formal e fácil de transmitir entre indivíduos.

Considerar o conhecimento tácito como outra dimensão favorável ao desenvolvimento local desde que seja difundido ao conhecimento codificado, por sua vez, não se limita a ter acesso a informações, mas consiste na aquisição e construção de diferentes tipos de conhecimentos, competências e habilidades. Albagli e Maciel (2004, p. 10) contribuem mencionado que:

o conhecimento tácito, em particular, geralmente encontra-se associado a contextos organizacionais e territoriais específicos, sendo transmitido e desenvolvido por meio de interações locais[...]. E, considerando a maior facilidade de disseminação de conhecimentos codificados por meio das tecnologias de informação e comunicação, o conhecimento tácito é considerado diferencial básico de competitividade, assim como uma das principais fontes de inovação.

Cada local ou região dispõe assim de diferentes combinações de características e bens coletivos – físicos, sociais, econômicos, culturais, políticos, institucionais – que influenciam em sua capacidade de produzir conhecimento, de aprender e de inovar.

Com isso, o desenvolvimento local deve ser pensado como uma relação social, como um processo em que “as pessoas não só são participantes ativos na prática de uma comunidade, mas também desenvolvem suas próprias identidades em relação àquela comunidade” (Hildreth e Kimble, 2002, p. 23).

3. METODOLOGIA

Quanto aos procedimentos, realizamos pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos. Gil (2019) acrescenta que os estudos apresentados por este procedimento atendem os objetivos exploratórios, pois apresentam



II *Sustentare* – Seminário de Sustentabilidade da PUC-Campinas
V WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade
17 a 19 de novembro de 2020

análises das diversas posições acerca de um problema. Lakatos (2010, p. 116) apresenta a pesquisa bibliográfica pertinente: Oferecer meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficiente e tem por objetivo permitir ao cientista o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações.

A abordagem é qualitativa. Para Ruiz (1998), a pesquisa qualitativa tem como principal objetivo classificar um determinado grupo de observação, analisar e interpretar dados obtido. A análise do papel das contribuições conhecimento tácito para um mundo mais sustentável se fez pelo método de abordagem sistêmico-complexo. Para Morin (2000) a teoria da complexidade procura superar a abordagem científica tradicional que divide o conhecimento em disciplinas e separa fenômenos complexos em partes, ignorando, desta forma, a totalidade. A compreensão do papel do conhecimento tácito no desenvolvimento local exige pensar o contexto, a participação da comunidade com as suas particularidades e a singularidade de cada localidade.

4. RESULTADOS

Segundo Alcoforado (2006, p. 86) é urgente pensar novas estratégias de desenvolvimento em que a comunidade assume o papel de comunidade demandante, isto é, protagonista, empreendedora, com autonomia e independência. O principal objetivo deve ser a melhoria da qualidade de vida de associados, familiares e da comunidade, com maior participação nas estruturas de poder e utilização racional do meio ambiente, visando o bem das gerações atuais e futuras.

Albagli e Maciel (2004) entendem que tratar do desenvolvimento local exige pensar as dimensões espacial e socioinstitucionais. A dimensão espacial diz respeito ao entendimento das singularidades e das características regionais. Para tanto, fundamental a distinção entre os conhecimentos codificados e o conhecimento tácito. Já a dimensão socioinstitucional diz respeito às características políticas, econômicas e sociais locais. Enfim, este ambiente define a capacidade inovadora e, por consequência, as possibilidades do desenvolvimento local.

Inegavelmente, o ambiente socio-cultural é relevante para o estabelecimento das possibilidades do conhecimento tácito contribuir para o desenvolvimento local. Sugahara e Vergueiro (2012, p. 165) destacam que:

a construção de conhecimento coletivo é resultado natural do conhecimento individual construído no espaço da organização. [...] as interações entre as pessoas representam ação-chave



II *Sustentare* – Seminário de Sustentabilidade da PUC-Campinas
V WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade
17 a 19 de novembro de 2020

para a construção do conhecimento coletivo, que se efetiva por meio do compartilhamento e socialização do conhecimento individual.

Em outros termos, a confiança e a cooperação entre os indivíduos é relevante para a construção de um conhecimento coletivo que transforme a realidade local. Neste contexto, a relevância do conhecimento tácito se explica por ser socialmente moldado, no âmbito da dimensão territorial (espacial) e temporal (socioinstitucional), sendo este conhecimento diferente face o conhecimento codificado desenvolvido no âmbito acadêmico. Albagli e Maciel (2004, p. 10) afirmam que:

a circulação do conhecimento entre contextos diferenciados, passando de tácito a codificado e vice versa, envolve processos de “desterritorialização”, quando é descontextualizado, e de “reterritorialização” (ou “recontextualização”), “que inclui o processo de aprendizado e sedimentação, quando o conhecimento se enraíza no território” (ALBAGLI E MACIEL, 2004, p 10).

O ponto de relevância é que o conhecimento tácito aplicado ao conhecimento codificado consiste na construção de novos conhecimentos e não se limita a ter acesso às informações, assim sendo, o nível de competência e habilidades sobrepõem ao novo processo. Ainda o texto complementa que:

o aprendizado deve ser pensado como relação social, como um processo em que “as pessoas não só são participantes ativos na prática de uma comunidade, mas também desenvolvem suas próprias identidades em relação àquela comunidade” (ALBAGLI E MACIEL, 2004, p 10).

Diante disso, ganha relevância a participação da comunidade, pois se torna um agente importante no desenvolvimento local, principalmente pela relevância do conhecimento não formalizado constituído das experiências, histórias de vida, de boas práticas econômicas dos indivíduos como trabalhadores, consumidores e cidadãos. O conhecimento tácito aproxima pessoas, contribui para o aumento da confiança entre as partes. A comunidade assume, então, o papel de cooperador social. Albagli e Maciel (2004, p. 11) pontuam que é importante para o desenvolvimento local:

promover as condições que propiciem a configuração de um sistema de comunicação múltiplo, favorecendo a interação e a cooperação local, bem como a difusão e o intercâmbio de diferentes tipos de informações, conhecimentos e inovações.

Nesse contexto a construção do conhecimento acontece de maneira variada, atrelada à experiência e/ou ambiente socio cultural local. Sugahara e Vergueiro (2012, p. 165) pontuam:



II *Sustentare* – Seminário de Sustentabilidade da PUC-Campinas
V WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade
17 a 19 de novembro de 2020

o conhecimento constitui-se, portanto, por um indivíduo que alimenta a construção do conhecimento coletivo e esse, por assim dizer, alimenta a construção do conhecimento individual. [...] o ambiente exerce influência nas pessoas de forma particularizada. Dessa forma, o indivíduo constrói significado a partir da percepção individual, retirada da percepção coletiva. A condição da construção de conhecimento coletivo é resultado natural do conhecimento individual construído no espaço corporativo.

Por conseguinte, a troca de informações e conhecimentos entre os membros da comunidade resulta em confiança, socialização, interação e promoção do bem comum. Ipiranga (2008, p. 02) afirma que:

o conhecimento tácito [...] acentua a aprendizagem como um processo localizado que ocorre por meio da interação e da imbricação social, fortalecendo as redes e práticas de inovação. [...] Os processos de aprendizado e inovação, considerados crescente com fundamentais para a sustentação da competitividade dos agentes participantes dessas aglomerações produtivas territoriais.

Neste sentido, Almagli e Maciel (2004) propõem que a difusão do conhecimento tácito juntamente com o conhecimento codificado apresentam valores que propiciam (i) maior facilidade de compartilhamento das informações com custos mais baixos, devido as relações de confiança e cooperação entre a comunidade e os agentes (ii) melhor coordenação de ações e estabilidade, pois a tomada de decisão é coletiva (iii) maior aprendizado do conhecimento mútuo, ampliando a previsibilidade sobre o comportamento dos agentes, protegendo a economia local de comportamentos oportunistas, melhor consciência da utilização dos recursos locais para um ambiente mais sustentável e o maior comprometimento em relação ao grupo.

O conhecimento tácito pode contribuir para o desenvolvimento local na medida em que resulta no aprendizado e aumento das competências, na inovação, no desenvolvimento de mecanismos de governança, na promoção da sustentabilidade, entre outras coisas. Enfim, a construção de práticas sociais e valores compartilhados permite o alcance de um equilíbrio mais homogêneo no âmbito das relações interpessoais e coletivas, bem como, a legitimação e transmissão de princípios morais, direcionados a valorizar a interação em relação aos outros participantes. (IPIRANGA, 2008).

As políticas públicas precisam tomar o conhecimento tácito como um elemento central nas estratégias para o desenvolvimento local. Fazer coisas novas com o propósito de construir um mundo mais sustentável



II *Sustentare* – Seminário de Sustentabilidade da PUC-Campinas
V WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade
17 a 19 de novembro de 2020

exige a aprendizagem, a compreensão e a cooperação entre os atores sociais. Sem considerar o conhecimento tácito não se deve pensar na formulação de políticas públicas em prol do desenvolvimento local, à capacidade de inovação e produção da inteligência coletiva.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito do artigo foi refletir sobre o papel do conhecimento tácito para o desenvolvimento local. Isto porque, o conhecimento tácito possibilita à comunidade tomar as melhores decisões para se alcançar o desenvolvimento sustentável e a sustentabilidade dimensões social, ambiental e econômica.

O desenvolvimento local não admite uniformização. Efetivamente, depende do pensamento e da ação humana, que enfrentam desafios com o propósito superar problemas e alcançar os níveis qualidade de vida desejados pela comunidade. O desenvolvimento local depende das iniciativas compartilhadas por toda a comunidade, privilegiando participação popular, inovação e empreendedorismo. Daí, a relevância do conhecimento tácito, gestado na própria comunidade.

Face as mudanças no modelo de desenvolvimento a partir da crise do estado e do modelo fordista de produção, as comunidades não podem depender dos grandes projetos públicos e/ou privados para alcançar o tão sonhado desenvolvimento. Precisam, a partir de projetos gestados na própria comunidade, encontrar caminhos para o seu desenvolvimento.

A comunidade desempenha papel central no desenvolvimento local, decorrendo daí, a relevância do compartilhamento e difusão do conhecimento tácito. Quando os membros da comunidade compartilham informações, isto eleva a relação de confiança e o espírito cooperativo, possibilitando a aprendizagem coletiva e promovendo o desenvolvimento local. A maior participação nas estruturas de poder contribui para autonomia e independência, fortalece a democracia e possibilita a construção de alternativas de desenvolvimento que preservem os recursos naturais para as gerações atuais e futuras.

Em nossos tempos, ganhou relevância o aproveitamento das vantagens comparativas locais e regionais. Deve-se levar em conta também, a formação de cluster locais e de sistemas locais de inovações. O pressuposto é que as esferas locais têm maior conhecimento e maior capacidade de operação para implementar políticas de desenvolvimento. O desenvolvimento depende, efetivamente, dos distintos locais em promover dinâmicas de desenvolvimento. Para tanto, o aproveitamento do conhecimento tácito presente na comunidade local é fundamental.



II *Sustentare* – Seminário de Sustentabilidade da PUC-Campinas
V WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade
17 a 19 de novembro de 2020

Por fim, houve o deslocamento do *locus* de desenvolvimento do âmbito central para o local. As iniciativas com vistas à promoção do desenvolvimento exigem a participação da comunidade. Cada membro da comunidade entrega o seu conhecimento, multiplicando, com isto o conhecimento da coletividade, resultando em iniciativas empreendedoras inovadoras que promovam o desenvolvimento local.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, R. **Muito além da economia verde**. Editora Abril: São Paulo, 2012.
- ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lucia. **Informação e conhecimento na inovação e no desenvolvimento local**. Ciência da Informação, Brasília, v. 33, n. 3, p. 9-16, 2004.
- ALCOFORADO, F. **Globalização e desenvolvimento**. São Paulo, Nobel, 2006, p. 86
- BECKER, D. F. **A economia política do Vale do Taquari: uma análise da dinâmica do processo de desenvolvimento regional**. Estudo & Debate, Lajeado, ano 1, n. 1, p.1-42, 1994.
- BECKER, D. F. **Necessidades e finalidades dos projetos regionais de desenvolvimento local**. Estudos & Debate, Lajeado, v. 5, n. 1, 1998.
- BRENNER, N. **New state spaces: urban governances and the rescaling of the statehood**. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- BRENNER, N.; PECK, J.; THEODORE, N. **Variiegated neoliberalization: geographies, modalities, pathways**. Global Networks, v. 10, n. 2, p. 182–222, 2010.
- BOFF, L. **Sustentabilidade: o que é: o que não é**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- CHOO, Chun Wei. 2006. **A organização do conhecimento: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões** São Paulo: SENAC, 2006.
- DALLABRIDA, Valdir Roque; AGOSTINI, Cíntia. **Desenvolvimento Local e Regional em Questão: uma Compreensão a Partir do Enfoque de uma “Economia Política Neogramsciana” do Desenvolvimento Contemporâneo**. Desenvolvimento em Destaque, Canoinhas, 2009.
- ELKINGTON, J. **Canibais com Garfo e Faca**. São Paulo: Makron Books, 2001
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- GRAMSCI, A. **Quaderni del Cárcere**. Torino: Einaudi, 1975.
- HILDRETH, P. J.; KIMBLE, C. **The duality of knowledge**. Information Research, v. 8, n. 1, 2002.
- HAYEK, F. A. 1989. **The pretence of knowledge**. The American Economic Review vol. 79, no. 6, 1989.



II *Sustentare* – Seminário de Sustentabilidade da PUC-Campinas
V WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade
17 a 19 de novembro de 2020

IPIRANGA, A. S. R. **Uma discussão teórica sobre aprendizagem, inovação e cultura nos arranjos e sistemas produtivos territoriais.** Cadernos EBAPE.BR, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 163-171, 2008.

LEFF, Enrique. **Racionalidade ambiental.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MORIN, E. A Epistemologia da Complexidade. In: MORIN, E.; LE MOIGNE, J. A **Inteligência da complexidade.** 2. ed. São Paulo: Petrópolis, 2000, p. 43-90.

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. 1997. **Criação de conhecimento na empresa: como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

PINTO, A. C. B. **Desenvolvimento local: a comunidade como coparticipante.** Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 165-175, 2014.

POLANY, K. **A grande transformação: as origens de nossa época.** Rio de Janeiro: Campus, 1980.

POLANYI, Michael. 1983. **The tacit dimension** Gloucester, Mass: Peter Smith, 1983.

RUIZ, J. A. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos,** Ed Atlas, São Paulo, 1998.

SANTOS, B. S. **Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade.** 7. ed. São Paulo: Edições Afrontamento, 1999.

SILVA, R. D. O; MARQUES, Mabel Diz. **Neoliberalismo e desenvolvimento regional: obstáculos da política regional no Brasil .** DRd | Desenvolvimento Regional em Debate, Canoinhas, v. 10, n. 1, 2020.

SUGAHARA, C. R.; VERGUEIRO, W. C. S. **Informação e conhecimento: análise da rede apl têxtil de americana/sp- brasil.** Revista Interamericana de Bibliotecología (Colombia), v. 35, n. 2, p. 163-171, 2012.

VEIGA, J. E. **Desenvolvimento sustentável: o desafio para o século XXI.** Garamond: Rio de Janeiro, 2006

VEIGA, J. E. **Desenvolvimento rural: o Brasil precisa de um projeto.** Texto para CONTAG, 1998.

VEIGA, J. E. **O Brasil Rural ainda não encontrou seu eixo de desenvolvimento,** Estudos Avançados, 2001.

VEIGA, J.E. **Indicadores de Sustentabilidade.** Estudos Avançados, [s. I.], V.24, N. 68, P. 39-52. 2010.